



## **Canaã, Raab e sua importância na posse da terra (Js 2-6)**

*Canaan, Rahab and the leadership over land possession  
(Josh 2-6)*

*Antonio Carlos Frizzo*

### **Resumo**

Dois são os focos deste artigo. Identificar o território de Canaã como berço dos futuros reinos de Israel, ao Norte e Judá, ao Sul, é a primeira exposição. Nessa região do levante nasceram, desenvolveram e desapareceram povos e culturas. Além do testemunho dos ricos materiais, vindo à luz nesses mais de cem anos de arqueologia – cerâmicas, joias, ossos e pedras –, há um valioso testemunho literário sobre o qual nos debruçamos, ao abordar a terra de Canaã: as cartas de El-Amarna. Surgidas durante o reinado de Amenofis IV (1353-1336), os inúmeros “tabletes” revelam uma presença atuante da política egípcia na região. Um segundo objetivo volta-se para o conjunto literário exposto no livro de Josué, capítulos 2-6. Observamos um quadro literário onde a referência à Raab – identificada, na narrativa, como prostituta – abre e fecha a narrativa sobre a ocupação de antigas cidades-estados cananeias, agora, pertencentes aos israelitas. A figura feminina e empoderada dessa mulher surge como um sinal de alerta destacando que ao seu redor firmou-se a narrativa da posse da terra.

**Palavras-chave:** Cartas de Tell el-Amarna. Terra de Canaã. Livro de Josué. Raab.



## Abstract

There are two main focuses in this paper. Identifying Canaan's territory as the birth place of future kingdoms of Israel to the North, and Judah to the South, is the first exposition. In the Levant region, peoples and cultures were born and developed, and disappeared. Besides the testimony in the rich materials that came to light in over one hundred years of archeology – ceramic, jewelry, bones and stones –, there is a valuable literary testimony, which we analyze, that addresses the land of Canaan: The El-Amarna Letters. Found during the reign of Amenhotep IV (1353-1336), the tablets reveal an active presence of Egyptian politics in that part of the Levant. The second focus is the literary set exposed on the Book of Joshua, chapters 2-6. We observe a narrative frame where the references to Rahab – repeatedly identified as a prostitute – open and close the narrative about the occupation of old Canaanite city-states, now belonging to Israelites, after the battles undertaken by Joshua. The feminine and empowered figure of this woman has secured itself through the narrative of occupying lands and in the messianic genealogy presented by the evangelist Matthew.

**Keywords:** El-Amarna Letters. Land of Canaan. Book of Joshua. Rahab.

## Introdução

*Terra, trabalho e teto.* Eis os três T's do Papa. Nos seus oito anos de pontificado, o Papa Francisco realizou, sistematicamente, quatro encontros mundiais com lideranças dos movimentos populares – 2014, 2015, 2016 e 2017. O advento da pandemia do COVID-19 impossibilitou os encontros presenciais, mas não impediu, ainda que tal encontro, tão esperado e pleno de significado, acontecesse de modo virtual. O Papa Francisco dialogou. Viu de perto as diferentes faces do sofrimento. Ouviu testemunhas e vítimas de um sistema econômico que não mais privilegia a manutenção do trabalho, mas cresce e se impõe de modo especulativo. Tudo vira mercadoria. O Papa conheceu as alegrias e tristezas de milhares de famílias entregues à própria sorte. Grupos humanos que perambulam pelo mundo na procura de terra, casa e trabalho,

como bem elucidou no primeiro encontro com as lideranças dos movimentos populares:

Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, a algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os próprios filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: *terra, casa e trabalho*. É estranho, mas se falo disto para alguns o Papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja. Medito sobre cada um deles, porque os escolheste como palavra de ordem para este encontro.<sup>1</sup>

A terra é essencial para a vida de qualquer pessoa, família ou grupos humanos. Terra é sinônimo de dignidade de vida, de felicidade. Seja no campo ou na cidade, viver sem um pedaço de chão que possa ser chamado de “meu chão”, “minha casa” representa uma negação da condição humana. É simples: você se sente bem ao ver uma pessoa morando “em condições de rua”? Não nos inquieta e chega até ser deprimente o surgimento de favelas e mais favelas nas periferias das grandes cidades? A falta de uma política pública séria e eficaz voltada para a distribuição da terra é a mais plena forma de negação da condição humana, imoral e totalmente antiética.

Falar do tema terra é pôr o dedo em um dos temas centrais de toda a Bíblia. Estamos convictos de que, sem a posse da terra, não se completaria o projeto do êxodo. Sobre inúmeras experiências de libertação, sem dúvida alguma, a saga liderada por Moisés, em sua saída do Egito, identificada como a “terra da escravidão”, repousa a memória libertária dos autores bíblicos. Tal projeto se efetivou na ocupação das terras e territórios pertencentes aos cananeus, na empreitada de Josué. Não teríamos o conceito de povo, nação, sem a posse da terra. Isso mesmo: deixar uma terra onde se é explorado, para conquistar uma terra capaz de ser chamada “nossa terra”, “nossa liberdade”, “nossa vida” tornou-se o eixo essencial dos relatos bíblicos. Não há como isolar a terra da vida e da história do povo da Bíblia.

---

<sup>1</sup> Roma, Ex-sala do Sínodo, 28 de outubro de 2014.

## 1. Canaã: território densamente ocupado e em frequente disputa

Todo o esforço pela ocupação da terra é narrado dentro de um território chamado terra de Canaã - *K<sup>e</sup>na'an*. Trata-se de um território que será palco de inúmeras disputas territoriais com os povos que habitam a região, segundo os relatos de Josué. São os cananeus que habitavam em terras pré-israelitas (Gn 15,20; Ex 3,8,17; 13,5; 16,35; Dt 7,1; 20,17; Js 9,1; Jz 3,5; Esd 9,1; Ne 9,8). Nos textos bíblicos, Canaã pode ser definida como toda a região costeira do Mediterrâneo, de sul a norte, localizada a oeste do rio Jordão, entre o deserto de Zim, ao sul, até a cidade de Hamate, ao norte.

Nesse território se espalham inúmeras cidades-estado administradas pelos reis cananeus. São cidades autônomas e com administrações independentes. Cada qual possui sua própria força militar, sua economia e seu comércio e, sobretudo, sua divindade protetora. Comprovamos tal cenário nas correspondências de El-Amarna,<sup>2</sup> realizadas entre os anos em que governaram Amenhotep III (1390-1352 a.C.) e Amenhotep IV (1352-1336 a.C.).

As correspondências foram constantes e abordaram os mais variados assuntos. Não deixa de ser especialmente significativa a correspondência entre Milkilu, monarca na cidade de Gezer, destacando o tráfico de mulheres:

(1-2) Para Milkilu, governador de Gezer, assim o rei:

(2-14) Eis que este tablete foi enviado para você a fim de dizer a você: eis que tenho enviado Haniya, comandante de exército regular, com tudo para a aquisição de bonitas mulheres (fêmeas) copeiras, prata, ouro, roupas de linho, pedras de cornalina, todo o (tipo de) pedras preciosas, uma cadeira de ébano, igual, tudo de excelente qualidade. Total: cento e sessenta diban.

Total: quarenta mulheres copeiras.

Quarenta (shekels de) prata é o preço de uma mulher copeira.

---

<sup>2</sup> Todas as nossas citações referentes às cidades-estados, em território de Canaã, têm por base a pesquisa do professor Kaefer. Em sua obra “As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel”, é possível compreender, após rica análise de centenas de tabletas, a vasta ocupação demográfica e a forte influência da política expansionista egípcia nessa região, em meados dos séculos XIII a XII a.C. KAEFER, J. A., Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel, p. 52.

(15-23): Então, envie mulheres copeiras muito bonitas, em que não há malícia entre elas, de modo que o rei diga para você: “Isto é excelente, conforme com a solicitação que ele enviou para você”.

(24-27): E seja você informado de que o rei está saudável, como o deus sol; seu exército, seus carros de guerra, seus cavalos, tudo está muito bem.<sup>3</sup>

Em uma, entre várias correspondências entre Jerusalém, na época, cidade-estado cananea, sob a liderança de ‘Abdi-Heba, o conteúdo enviado ao conhecimento do faraó, acena para o tráfico humano, saído da cidade de Jerusalém para o Egito:

(16-22): Ad[aya] veio a mim; eu entreguei [para seu] carregamento de escravo. Shuta, o comissário do rei, ve[io] a mim; eu entreguei para o carregamento de Shuta, vinte moças e [oi]tenta prisioneiros, um presente para o rei, meu senhor.<sup>4</sup>

Na cidade-estado de Meguido, governa Biridiya que, em carta ao faraó, exalta sua fidelidade no pagamento dos trabalhadores temporários, isto é, pelo regime de corveia:

(8-14): Que o rei, meu senhor, seja informado a respeito do seu servo e a respeito de sua cidade. Saiba que somente eu estou cultivando na cidade de Sunem e que somente eu estou trazendo trabalhadores de corveia.

(15-23): Veja, os governantes que estão próximos de mim. Eles não agem como eu. Eles não cultivam em Sunem e eles não trazem trabalhadores de corveia.

(24-31): Somente eu, por meu próprio esforço trago trabalhadores de corveia. Eles vêm de Yapu (Jope), de [minhas] fontes aqui e de Nuribta. E que o rei, meu senhor, tome conhecimento de sua cidade.<sup>5</sup>

Reverenciar o faraó como um autêntico ser divino pode ser notado no conteúdo da carta enviada ao rei do Egito, por Yidia, governante na cidade de

---

<sup>3</sup> KAEFER, J. A., *Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*, p. 64.

<sup>4</sup> KAEFER, J. A., *Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*, p. 63.

<sup>5</sup> KAEFER, J. A., *Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*, p. 29.

Asquelon. Não é difícil de notar o total controle exercido pelos egípcios nas cidades-estados construídas na região:

(1-15) [A]o rei, meu senhor, minha divindade, meu deus sol, o deus sol do céu, a mensagem de Yidia, o governante da cidade de Asquelon, seu servo, a sujeira debaixo dos seus pés, o cavaliço do seu cavalo: aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes eu me prostro fielmente, de barriga e de costas.<sup>6</sup>

As cidades cananeias estavam, em sua maioria, localizadas nas planícies costeiras e exercem um grau de importância na produção agrícola e nas trocas comerciais. Na região costeira estão localizadas as imponentes cidades de Gaza, Asquelon, Asdod, Jafa, Aco e Tiro. Adentrando mais ao centro, na fértil planície, situam Gat, Laquis, Guezer, Meguido, Simeon, Acsap. Nas montanhas, entre vales: Siquém e Jerusalém.

São nessas terras de Canaã que surgirão os reinos de Judá e Israel. Em meados do ano 1250 a.C., há uma ligeira queda do predomínio egípcio na região. Enfraquecimento de uns, fortalecimento de outros. As pequenas e médias cidades cananeias se fortalecem. Os respectivos monarcas controlam os poderes militares, econômicos e religiosos. Aos protegidos sob a sombra do poder divino, todo o prestígio e poder; aos grupos menos favorecidos restava a tarefa de servir a seu rei e à nobreza. A dominação da cidade em relação às vilas, localizadas ao redor da cidade-estado, acontecia pela imposição de taxas e impostos.

As cartas de El-Amarna, nesse sentido, são significativas ao mostrar o rígido controle exercido pelos faraós nas terras de Canaã. Ao fazer apelo ao faraó, o rei da cidade-estado de Biblos, tendo como capital Gubla, na costa fenícia, mostra toda sua preocupação e desespero diante das invasões realizadas por grupos identificados pelo nome de *hapirus*:

Eu tenho obedecido às ordens do rei, meu senhor e meu deus sol, e eu estou guar[ando] Magidda, a cidade do rei, meu senhor, dia e noite. De dia eu (a) guardo [n]os campos abertos com bigas, e de [noite] nos mur[o

---

<sup>6</sup> KAEFER, J. A., Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel, p. 53.

do] rei, meu senhor. E, como hostilidade dos ‘a[pi]rus na terra é inten[sa], queira o rei, meu senhor; tomar conhecimento da sua terra.<sup>7</sup>

O termo *hapiru* surge com frequência em fontes sumérias, acádicas, egípcias, hititas e ugaríticas e sempre acenando para um grupo social “multiétnico” sempre armados e tendo em suas fileiras indivíduos excluídos – entenda-se – grupos não inseridos na dinâmica social predominante nas cidades cananeias. Tal grau de exclusão ou não de incorporação às normas de vida social, determinada pelos reis em suas cidades, poderia justificar as ações revoltosas desse grupo identificado como *hapiru*. Tal atitude beligerante está fartamente registrada nas correspondências de el-Amarna. Nas atitudes desses inúmeros grupos espalhados e identificados como *hapiru* - da raiz ‘br/’pr - uma provável formação da palavra hebreus “gente errante”, “transiente”, “nômade”, espalhados por toda a região da Palestina até a Síria, estaria as origens dos núcleos protoisraelitas do que viriam a ser os estados de Israel e Judá.<sup>8</sup>

Sendo assim, na geografia de Canaã, vemos a existência e a convivência de inúmeros povos e culturas. São organizações sociais de núcleos familiares, aldeamentos, tribos e cidades. Diante do poder exclusivo e concentrador dos reis cananeus, existiram propostas e ações voltadas para a garantia da sobrevivência da família, do clã e da tribo. Havia interesses solidários opostos ao modelo de concentração, capazes de legitimar modelos alternativos no modo de exercer e administrar o poder, capaz de garantir vida para todos. Sendo assim, além do aspecto geográfico, histórico, Canaã será um território usado para servir de testemunho às futuras gerações. No livro de Josué a posse da terra ecoa como realização da promessa divina. Foram essas terras que o Javé prometeu e o fez possuir, ao fazer com o povo uma aliança para sempre (Gn 17,8; Dt 4,1-4; Lv 14,34; Js 24,1-4).

### 1.1. Javé é uma divindade entre outras

Nessas regiões, os grupos possuem, cada qual, sua divindade protetora. *Baal, Asherá, El, Elohim, Astarte, Anat* são invocados com a finalidade de propor garantia física em ocasiões de batalhas. No tempo de lançar as sementes

---

<sup>7</sup> KAEFER, J. A., Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel, p. 93.

<sup>8</sup> LIVERANI, M., Antigo Oriente, p. 542.

nos campos, a proteção divina é lembrada para se obter boas e fartas colheitas. Diante da vida dos animais domésticos, as divindades garantem saúde e reprodução. Deuses e divas fazem parte do dia a dia de suas respectivas tribos e cidades-estados. Proteções divinas são invocadas quando o assunto é enfrentar o inimigo no desejo de possuir seus bens, seus escravos e suas terras e, no final, ampliar o poderio real.

Será após os reinados de Ezequias (716-687 a.C.) e de seu bisneto Josias (640-609 a.C.), ambos sediados na cidade de Jerusalém, capital do reino de Judá, ao Sul, que as reformas empreendidas por esses monarcas introduzirão uma divindade de nome *Javé*. Sua sede será o templo de Jerusalém e, em nome de sua unicidade todas as outras divindades correrão o risco de desaparecer, na medida em que seus cultos, templos e altares serão destruídos (2Rs 23,4-14). O caráter javista pode ser compreendido nos relatos de Ex 2,16; 3,1-2; Dt 33,2; Jz 5,4; Hab 3,3. Parece-nos que a transliteração da forma hebraica יהוה a este tetragrama YHWH é introduzida como uma divindade ligada às experiências das batalhas e na proteção aos guerreiros.<sup>9</sup>

O elenco comprova a existência de inúmeras deusas e deuses e prática cultual a eles prestadas, seja em santuários familiares ou nacionais. O recurso às indumentárias e uso de vários objetos indispensáveis para a boa realização dos cultos, bem como a necessidade de um profissional responsável e entregue exclusivamente à prática devocional legitimam o pan-israelismo. Na história de Israel o monoteísmo, como culto ortodoxo, tem seu início na época persa e neste período foi consagrado. As nações que viriam a formar o estado de Israel, sua monarquia, seja ao norte como ao sul, nasceram, cresceram e se fortaleceram em meio a inúmeros cultos autônomos e um tanto originais. A teologia monoteísta é fruto bem tardio, indo além da reforma josiânica, ou até mesmo do pós-exílio babilônico.<sup>10</sup>

Nas aldeias, tribos e clãs, as relações sociais são marcadas por significativos momentos de tensões. As cidades-estados localizadas nas planícies passam a sofrer contínuos ataques de grupos humanos residentes nas regiões montanhosas. Na tática de assaltos e pilhagem, grupos constituídos por

---

<sup>9</sup> DIETRICH, L. J., *Violência em nome de Deus*, p. 10.

<sup>10</sup> FRIZZO, A. C., *Entrevista com Israel Finkelstein*, p. 43.

escravos e pobres, pastores e camponeses, residentes nas regiões montanhosas, passam a impor significativas derrotas aos reis em suas cidades-estados.

## **2. Raab surge como mulher empoderada na posse da terra (Js 2-6)**

Entre os anos de 1550 a.C. (início do Bronze Antigo) até 1200 a.C. (final de Bronze Antigo) o Egito, praticamente, dominou as terras de Canaã. Eficiente domínio, unindo o Sul ao Norte, pode ser comprovado nas cartas de El-Amarna. As cidades de Siquém e Jerusalém são citadas nas cartas de El-Amarna como lugares de importância comercial e estratégica. São identificadas como Nova Canaã constituída por Meguido, Kineret, Tel Rehov e Hazor. São regiões que declinam em importância, em meados do século X a.C., época em que povos vindos das terras altas faziam suas incursões visando assaltar ou conquistar as cidades cananeias.<sup>11</sup>

No período do Ferro I (1150 – 900 a.C.), na região, agora compreendida antiga Canaã, surgirão reinos formados por união de famílias que constituem um clã; a união dos clãs formam tribos e a união das experiências tribais, a constituição de um reino. Na liderança desse reino está a pessoa do rei, um monarca responsável em garantir segurança e meios para sustentação e desenvolvimento. O ensaio da constituição de um monarca, tal como encontramos no ousado projeto de Abimelec, é um típico exemplo na constituição de um reino (Jz 9). Evidentemente, nada aconteceu por um passe de mágica. Se, pelos relatos bíblicos, encontramos uma linha clara e um tanto convincente, partindo da experiência do êxodo egípcio, passando pela conquista da terra, defendida por Josué, à administração dos juizes, até à monarquia unida ao redor das tradições de Davi e Salomão, tudo é muito convincente. Mas essa história bem redigida e concatenada é resultado da corte sediada em Jerusalém, durante o reinado de Josias. Quando buscamos compreender a formação dos reinos Israel, ao Norte, com sua capital Samaria e o reino de Judá, ao Sul, com a capital Jerusalém tudo parece ter acontecido de modo lento e, por demais, complexo.

Não resta dúvida de que a compreensão linear e cronológica exposta em nossas Bíblias não mais colaboram na compreensão do surgimento dos reinos de Israel e Judá. O esforço de compreender o surgimento dessas duas

---

<sup>11</sup> DE MENDONÇA, É. V. S., O primeiro Estado de Israel, p. 46.

monarquias está balizado nas novas análises apresentadas pela arqueologia e pelas análises literárias.<sup>12</sup> Um oportuno exemplo - que oferece título ao texto - é a liderança da mulher Raab na narrativa de Js 2-6. Toda a rica história da trajetória do líder Josué tem como cenário o território da Canaã.

Os capítulos 2 a 6 formam uma unidade literária. Esse conjunto de parágrafos reúne lendas, relatos de guerras e conquistas, antigas tradições religiosas, fábulas oriundas dos mais diferentes círculos de convivência familiar, nas relações do dia a dia na corte do rei, no templo de Jerusalém e antigas festas celebradas no interior de Canaã. A referência à Raab é destaque. Raab emoldura o conjunto desses cinco capítulos (Js 2,1-21; 6,22-25), que se formou unindo antigas tradições celtas. Vale realçar:

- A passagem pelo Jordão, em marcha solene, portando a arca da aliança (Js 3,6-9);
- O memorial com as doze pedras, tiradas do meio do Jordão, e erigido em Guilgal (Js 4,19-24);
- A circuncisão como um sinal de pertença exclusiva à uma divindade (Js 5,2-9),
- A celebração da festa da Páscoa (Js 5,10-12), feita com forte aceno ao gesto de partilha dos frutos da terra e agradecimento.
- Confirmação do pacto feito com Raab, por ocasião de esconder os enviados de Josué (6,22-23).

A narrativa inquieta ao expor os dois enviados por Josué, com a missão de examinar a futura terra a ser ocupada. Eles partem e são acolhidos por Raab. Raab, apresentada na narrativa como prostituta, não apenas recebe os enviados, como os abrigou e garantiu-lhes segurança e a liberdade. Raab esconde (v.4), mente (v. 4<sup>b</sup>-5.6<sup>a</sup>) e pactua com os dois homens estrangeiros (v. 8-13).

Eles foram e entraram na casa de uma prostituta chamada Raab e pernoveram ali.<sup>2</sup> Informaram ao rei de Jericó: “Eis que homens dos filhos

---

<sup>12</sup> Para a elaboração deste texto recorri ao recente trabalho, agora publicado, do professor Élcio Valmiro Sales de Mendonça. Há paradigmas novos diante dos recentes estudos na esfera da arqueologia e análise literária. As sínteses das novas descobertas acenam à possibilidade de compreender o surgimento dos reinos do Norte e Sul dentro dos limites geográficos do território de Canaã. Alimentar antigas teorias pautadas exclusivamente nas páginas bíblicas cremos ser persistir na defesa de um dogmatismo insustentável. DE MENDONÇA, É. V. S., O primeiro Estado de Israel, p. 45-59.

de Israel vieram, esta noite, para examinar atentamente a terra”.<sup>3</sup>O rei de Jericó mandou dizer a Raab: “Faça sair os homens que vieram a ti – que entraram na tua casa – pois foi para examinar atentamente toda a terra que eles vieram”.<sup>4</sup>A mulher pegou os dois homens, os escondeu e disse: “Sim, eles vieram a mim, mas eu não sabia de onde eles eram.”<sup>5</sup>E, como a porta da cidade estava para se fechar, à noite, os homens saíram, e eu não sei para onde foram” (Js 2,1<sup>b</sup>-5).

“Sei por que Javé deu a vocês esta terra, e que um grande medo caiu sobre nós. E todos os habitantes da terra estão com medo de vocês” (Js 2,9).

O diálogo de Raab, frente aos homens enviados por Josué (v. 9-13), assemelha-se aos projetos de expansão territorial praticados pela reforma, quando o ideal de reconquistar territórios perdidos em guerras passadas foi implementado. Raab declara: 1) terra como propriedade divina e Ele a dá aos filhos de Israel; 2) a tradição do êxodo está incorporada em seu discurso ao afirmar que “Javé secou as águas do Mar Vermelho à vossa frente, quando saístes do Egito” (v. 10); 3) uma divindade violenta não titubeou em aniquilar os amorreus, povos do outro lado do Jordão, Seon e Og (Dt 4,39). Diante de uma narrativa tão marcada por conflitos e extermínios dos inimigos aos ouvidos alheios só podem provocar “perda da coragem” e “desalento” (v 11). A Raab não resta outra atitude que não seja a de selar um pacto de sobrevivência de sua vida e de seus familiares (v.12-13). Esclarecedora a compreensão exposta por Nancy Cardoso quanto à pessoa, à identificação e à função social exercida por Raab, no conjunto da narrativa:

A participação central de uma mulher trabalhadora e prostituta neste processo revela que a luta por espaço e a constituição do território criava oportunidades e estruturas mais flexíveis de poder e lideranças entre os grupos, viabilizando alianças que poderiam ser consideradas inviáveis desde uma perspectiva legal e estatal. É a sociedade sem estado que exercita formas libertárias de poder que se expressam no protagonismo de Raab e também uma memória que não se deixa vencer no horizonte narrativo do conjunto do texto que insiste na aniquilação total da população local.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> PEREIRA, N. C., Construção do “corpo” geopolítico e simbólico, p. 23.

É possível perceber, ao redor da narrativa sobre Raab, a intuição de ressaltar a grandeza de Javé junto às nações estrangeiras foi um forte argumento nos projetos expansionistas empreendidos nas épocas das reformas do rei Ezequias e Josias. As nações estrangeiras devem confessar que somente Javé tem o poder de salvar e segui-lo é o princípio para preservar a vida (Js 6). Os textos bíblicos guardaram a memória emblemática de Raab, ao ponto de preservá-la na genealogia de Jesus e em outros textos do Novo Testamento (Mt 1,5; Hb 11,31; Tg 2,25).

### 3. A tradição do êxodo na saga de Josué

Tal como a passagem do mar certificou a saída da escravidão, cruzar o rio Jordão acena para a certeza de deixar a experiência do nomadismo para o sedentarismo. A teologia deuteronomista, marcante em todo o conjunto do livro de Josué, acena que haverá um novo modo de vida na terra doada pelo Senhor. Toda a narrativa se constrói à luz da experiência do êxodo. Na pessoa de Josué, os autores reinterpretem Moisés. Não é por um acidente a fala de Deus direcionada a Josué, legitimando-o na empreitada de guiar o povo na conquista da terra: “assim como estive com Moisés, estarei com você. Eu não o deixarei nem o abandonarei” (Js 1,5). Se Deus falou a Moisés, agora, sua fala se dirige a Josué. Se outrora Javé esteve à frente do seu povo em marcha, a Arca da Aliança segue à frente indicando o caminho seguro.

O texto de Ex 14 é uma ponte para o sucesso de Josué e seu povo atravessarem o rio. Uma comparação possibilita perceber o que há em comum entre as duas lideranças:

<b>Moisés</b> <b>Ex 14</b>	<b>Josué</b> <b>Js 3</b>
“Fale aos filhos de Israel que voltem e acampem em Piariot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon. Aí vocês devem acampar junto ao mar. (Ex 14,1-2).	Josué levantou-se de madrugada e logo partiu de Setim para o Jordão com todos os filhos de Israel. Aí passaram a noite antes de atravessarem o Jordão. Ora, ao final de três dias, os oficiais circularam pelo meio do acampamento (Js 3,1-2).

<p>O mensageiro de Deus, que ia na frente do agrupamento de Israel, retirou-se e foi para trás. A coluna de nuvem também se retirou da frente deles e se colocou atrás (Ex 14,19). “Não tendes medo! Fiquem firmes, e vocês hão de ver o que Javé fará hoje para salvá-los. Vocês nunca mais hão de ver os egípcios, como hoje estão vendo. Javé combaterá por vocês. Podem ficar tranquilos!” (Ex 14,13<sup>a</sup>-14).</p> <p>Eu endurecerei o coração do faraó, que os perseguirá. Eu então vou mostrar o peso da minha glória no faraó e em todo o seu exército. E os egípcios ficarão sabendo que eu sou Javé (Ex,14,4).</p> <p>Você erga sua vara e depois estenda o braço sobre o mar, dividindo-o ao meio, para que os filhos de Israel possam atravessá-lo pisando em chão seco (Ex. 14,16).</p> <p>Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar, em chão seco. As águas eram para eles como muralhas à direita e à esquerda (Ex 14,22).</p>	<p>E deram a seguinte ordem ao povo: “Quando virem a Arca da Aliança de Javé seu Deus e os sacerdotes levitas carregando-a, vocês partirão de seus lugares e seguirão atrás dela (Js 3,3). Então Josué disse ao povo: “Santifiquem-se, porque amanhã Javé vai fazer maravilhas no meio de vocês” (Js 3,5).</p> <p>“Assim vocês vão saber que o Deus vivo está no meio de vocês: ele vai expulsar diante de vocês, os cananeus, os heteus... (Js 3,10).</p> <p>E quando os sacerdotes que carregam a Arca de Javé, Senhor de toda a terra, puserem os pés dentro das águas do Jordão, elas irão separar-se, e as que descem de cima ficarão paradas como represa” (Js 3,13).</p> <p>E o povo atravessou diante de Jericó (Js 3,16).</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A Arca passou a representar a presença do Deus vivo no meio do povo (Js 3,8.13.14.15.17). Torna-se um símbolo de unidade e identidade nacional. A manifestação divina acontece na divisão das águas, possibilitando a travessia e a chegada na terra a ser conquistada. O episódio da travessia segue conforme as ordens de Javé (Js 3,8.13), no desejo de sempre afirmar a fidelidade e obediência aos ditames da divindade que nos deu essa terra. A narrativa da passagem do rio (v 14-17) é apresentada com uma forte característica salvífica.

O texto destaca a ação dos sacerdotes que estão sempre à frente, como verdadeiros líderes, congregando e identificando os que pertencem ou não ao povo eleito.

A indicação cronológica, “*ora, ao final de três dias*” (Js 3,2), não deseja indicar o exato momento da travessia, mas contém um valor de tempo compreendido como um recurso narrativo atemporal ao referenciar o presente, o passado e o futuro. Tal indicação cronológica já encontramos em Js 1,11 e acena à travessia do Jordão. Cremos ser útil listar os inúmeros elementos catequéticos, litúrgicos utilizados na redação dessa rica história teológica na conquista da terra. Predomina um estilo querigmático e demasiadamente confessional na construção da narrativa.<sup>14</sup> Eis o motivo de transformar um povo frágil e fraco, que mal acabara de sair do deserto, tenha encontrado sucesso nas empreitadas rumo à terra prometida. As narrativas históricas são de autores que tinham uma fé em uma divindade. Foi a partir dessa experiência com o divino que brotaram as histórias presentes em nossas páginas bíblicas.

O leitor moderno talvez preferisse colocar o termo “histórias” entre aspas, visto que a noção de história, no universo bíblico, não corresponde à moderna ciência homônima. Com efeito, a historiografia bíblica não é científica e menos ainda neutra (se é que possa existir uma apresentação histórica neutra). É uma história interpretada e interpretante: não se interessa por informar, de modo objetivo, os acontecimentos; antes, ao mesmo tempo em que reporta o fato, fornece critérios para dele colher a significação.<sup>15</sup>

Vejam os alguns elementos:

- o informe cronológico de *três dias* (3,2);
- os rituais com a arca levada por sacerdotes levitas (3,3);
- a Distância mantida da arca (3,4);
- a arca segue diante do povo (3,6);

---

<sup>14</sup> Lamadrid deu uma significativa contribuição ao acenar algumas marcas para ler e compreender os livros históricos, ao indicar tais características que sinalizam um modo fácil e lógico no entendimento das narrativas. LAMADRID, A. G., *As tradições Históricas de Israel*.

<sup>15</sup> DA SILVA, C. M. D., *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 120.

- os doze homens de cada tribo levando, cada qual, sua pedra (4,4);
- o memorial aos filhos de Israel (4,7);
- a circuncisão de uma nova geração (5,1-9);
- a celebração da Páscoa (5,10-12);
- a revelação divina a Josué (5,13-15).

Tais elementos são integrados e possibilitam entender as sucessivas vitórias nas batalhas disputadas por Josué. Ele e seu povo serão sempre vitoriosos, pois Javé luta ao lado dele. Após a travessia, chega o momento de celebrar a conquista. Nossos autores oferecem uma narrativa demasiadamente festiva.<sup>16</sup>

Depois que toda nação atravessou o Jordão, Javé disse para Josué: “Escolha para você, em meio ao povo, doze homens, um de cada tribo e dê a eles a seguinte ordem: ‘Peguem daqui, do meio do Jordão, do lugar onde estão os pés dos sacerdotes, doze pedras e atravessem com elas, e as depositem no lugar onde vocês vão passar a noite’”. Josué chamou os doze homens que escolheu do meio dos filhos de Israel, um homem de cada tribo, e lhes disse: “Passem à frente da Arca de Javé seu Deus para o meio do Jordão, e cada homem levante uma pedra sobre seus ombros, de acordo com o número das tribos dos filhos de Israel, a fim de que seja também um símbolo no meio de vocês. Amanhã, quando seus filhos perguntarem: ‘O que são estas pedras para vocês?’, vocês dirão a eles: ‘É que as águas do Jordão se separaram diante da Arca da Aliança de Javé; quando ela atravessou, as águas do Jordão se dividiram, e estas pedras servirão de memorial para sempre diante dos filhos de Israel’” (Js 4,1-7).

#### 4. As guerras intermináveis e a celebração ao redor de Jericó

A palavra hebraica *milhāmā*, traduzida por guerra, é por demais frequente nas narrativas do Antigo Testamento. Em Josué, na primeira parte do livro dedicada à fase de ocupação das terras, encontramos 14 vezes (Js 4,13; 5,4.5; 6,3; 8,1.3; 11,23 etc). São guerras em que a divindade Javé, protetor de Josué e de seus homens de guerra, encontra-se inteiramente envolvida e, até, abençoando os feitos dos vitoriosos:

---

<sup>16</sup> PEREIRA, N. C., Construção do “corpo” geopolítico e simbólico, p. 25.

Aproximadamente quarenta mil homens armados para a guerra passaram diante de Javé, em direção à planície de Jericó (Js 4,12-13).

Eis o motivo pelo qual Josué circuncidou todo o povo: é que todo o povo saído do Egito, todos os homens, os homens de guerra, morreram no deserto, no caminho, após a saída do Egito (Js 5,4).

Você com todos os homens de guerra vão cercar a cidade uma vez. Assim você irá fazer durante seis dias (Js 6,3).

O povo ergueu o forte grito de guerra e as trombetas foram tocadas. No momento em que o povo escutou o som das trombetas, deu um grande grito, a muralha desmoronou e o povo subiu para a cidade, cada um de seu lugar, e tomaram a cidade (Js 6,20).

Creemos ser oportuno destacar que tais relatos de guerras se justificam diante da reforma empreendida, no reino de Judá, por Josias. Os ideais de um reinado, tal como encontramos no livro do Deuteronômio:

Depois que tiver entrado na terra que Javé, o seu Deus, lhe dará, dela tiver tomado posse e nela estiver habitando, se você disser: ‘Quero estabelecer sobre mim um rei, assim como todas as nações que me rodeiam’, você deverá estabelecer para si um rei que Javé, o seu Deus, tiver escolhido. Um de seus irmãos é que você estabelecerá como rei. Não poderá pôr sobre você um estrangeiro, que não seja seu irmão (Dt 17,14-15).

Josias é apresentado como rei perfeito aos interesses das elites que passam a controlar o poder. Seus projetos pautam a valorização incondicional da Lei, do culto a um só Deus e do fim das festas populares celebradas nas famílias e aldeias. Tudo é pensado a partir da centralidade religiosa em Jerusalém. Uma reforma social, religiosa e econômica é implementada, tendo como justificação, o livro - parte do Deuteronômio - encontrado no interior do templo (2Rs 22,3-10). Aproveitando-se de um momento de enfraquecimento dos assírios, não excitará na organização de seus homens de guerra, na proibição, prisão e destruição de altares que venham cultuar outras divindades, além de fazer de Jerusalém, não somente sua capital política e religiosa, como

sede central da celebração da Páscoa. Cessa-se as cerimônias familiares e tudo, agora, passa a acontecer conforme os planos da reforma de Josias.

As guerras impostas pelos exércitos babilônicos destruíram não somente a cidade e o templo de Jerusalém, mas pessoas. Tudo teve seu final e os anos vividos no exílio serão as provas dessa tragédia. O exílio foi ocasião de reacender os sonhos pela conquista da terra e ocupá-la em definitivo. As pedras ocupam um sentido fortemente religioso. São pedras naturais, tiradas do meio do Jordão, utilizadas para memorizar a passagem do Mar rumo à terra a ser ocupada. Não são pedras entalhadas, manufaturadas (Ex 20,25; Dt 27,5). Trata-se de marcar, com as doze pedras a totalidade do povo, o ideal de regressar e ocupar a terra e marcar o lugar de culto (Js 4,20). As doze pedras tornam-se um símbolo para Israel (Ex 24,4; 1Rs 18,31).

A elevação de Guilgal como primeiro santuário dos israelitas, após cruzar o Jordão e comprovarem a realização das promessas, tem como objetivo animar os sonhos pela volta a Sião ou a reconquista da terra perdida nas ocupações dos caldeus, em 597 e 586 a.C. Será em Guilgal que Saul será ungido rei (1Sm 11,14-15). Mais tarde, será uma referência para os pecados denunciados pelos profetas Amós e Oseias (Am 4,4; 5,5; Os 4,15). Já no itinerário de Josué, Guilgal servirá de base para as operações na ocupação da terra.

Embora já tenhamos feito tal alerta: nada, em nossos dias, justifica a violência. O ideal de *guerra santa* não existe e nem se justifica. Esses relatos são antigos e estão nas páginas bíblicas pelo simples fato de que os povos antigos, cada qual tinha sua divindade protetora, e ao partirem para as batalhas apelavam por proteção aos seus deuses. Os exércitos lutavam em nome de sua divindade. Um bom exemplo são os relatos da estela do rei de Mesa, do faraó Menerphtah:<sup>17</sup>

Uma grande alegria é advinda ao Egito e o júbilo sobe para todas as cidades da terra bem-amada. Elas falam das vitórias alcançadas por Merneptá contra o Tjehenu.

Os chefes tombam dizendo: Paz (š-l-m)! Nem um só levanta a cabeça entre os Nove Arcos.

---

<sup>17</sup> Nossa tradução expõe o texto encontrado nos trabalhos de Römer. Oportuno conferir as análises sobre a origem do culto a uma divindade nomeada de Javé, ver RÖMER, T., A origem de Javé, p. 77.

Vencida está a terra dos Tjehenu. O Hatti está pacífico.  
Canaã está despojado de tudo o que tinha de mau.  
Ascalon é conduzido. Gazer está preso.  
Jenoam se torna como se nunca tivesse existido.  
Israel está destruído, nem mesmo a sua semente existe.  
A Síria (Hourrou) tornou-se uma viúva para o Egito.  
Todas as terras estão unidas; elas estão em paz.  
(Cada um dos) que vagavam estão agora ligados pelo rei do Alto e Baixo  
Egito, Baenrê, o filho de Rê, Merneptá, dotado de vida, como Rê, cada dia.

Todos lutavam sob a proteção de seus deuses. Em nossos dias, tais textos devem ser muito bem contextualizados em suas respectivas épocas. Bem sabemos que toda a espiral da violência divina, presente nos relatos da história antiga – esteja ou não nos textos sagrados – encontram outro direcionamento diante da prática de Jesus de Nazaré (Mc 9,33-37; Mt 5; Lc 4, Jo 10,7-18).

Js 6, ao narrar a conquista da cidade de Jericó, pode ser dividido em quatro distintas partes: a) instrução (6,1-7); b) procissão de queda dos muros (6,8-21); c) pacto com a família de Raab (6,22-26); d) maldição da cidade de Jericó<sup>18</sup> (6,26-27). A narrativa foi produzida pelos escribas do tempo do rei Josias, preocupados em retomar lugares e cidades perdidas em guerras contra os assírios. Um recurso de linguagem bélica é utilizado recorrendo-se a uma prática religiosa para justificar ou até mesmo empolgar os planos de guerra da corte josiânica.

Mas, há um outro elemento que deve ser considerado, já que não estamos diante de uma narrativa cronológica, ao refletirmos sobre a “liturgia guerreira” que pôs fim à cidade de Jericó. Estudos arqueológicos dão provas de que o lugar foi habitado há mais de oito mil anos a.C. No período Neolítico (8300 – 4500 a.C.), surge o modelo de uma agricultura sedentária coincidindo com a

---

<sup>18</sup> O nome Jericó provém do termo *yrh*, compreendido como *deus da lua*. A partir do ano 1800 a.C., grupos de pastores nômades da tribo *binu-yamina* chegaram e se instalaram nesse verdadeiro oásis, localizado nas margens do Jordão. Com suas majestosas nascentes (2Rs 2,19-22), suntuosas e frutuosas tamareiras, em meio ao deserto de Judá, o lugar pareceu ser um autêntico presente dos deuses. Eis o real motivo de atribuir ao lugar o nome da divindade protetora. Estudos de cerâmicas domiciliares e tumbas legitimam um significativo regime de vida em assentamentos, casas e tijolos retangulares. Já no final do Bronze Antigo (1550-1200 a.C.), inúmeras marcas de incêndio e destruição causadas por um terremoto, dão provas do fim trágico da exuberante e próspera Jericó. MAZAR, A., *Arqueologia na terra da Bíblia*, p. 117.

domesticação dos animais. Grupos humanos deixam de ser coletores nômades de alimento e passam para a ser produtores de alimentos. Optam por fixarem-se em lugares capazes de oferecer garantias mínimas de segurança física e alimentação.

São muitos os elementos litúrgicos que compõem a narrativa sobre a conquista de Jericó. Vejamos:

*A Arca da Aliança* (v. 4,8). Trata-se de uma caixa de madeira contendo textos jurídicos e religiosos. No hebraico recebe o nome de *aron* e manifestará a presença divina no meio de seu povo (1Sm 4,5-11; 1Rs 8,1-4). Na tomada de Jericó, a arca representa a presença e proteção divina:

Sete sacerdotes vão levar sete trombetas de chifres de carneiro à frente da Arca (v. 4).

Sete sacerdotes, que levaram diante de Javé sete trombetas de chifre de carneiro, passaram e tocaram as trombetas, e a Arca da Aliança de Javé vinha depois deles (v.8).

A arca é apresentada em substituição à presença do SENHOR. Não é mais a presença divina, tão evidenciada, na trajetória do êxodo (Ex 12,42; Dt 20,1-4). O texto dá um significativo valor à função do sacerdote. O termo hebraico *kōhēn* é traduzido por sacerdote e indica a tarefa das coisas sagradas atribuídas a um responsável. Se, no início o sacerdote exercia suas funções no ambiente familiar (Gn 4,3; Jó 1,5), lentamente, o cargo passa por um processo de institucionalização e próximo do poder. São pessoas específicas na formação de um grupo seletivo.

*Sacerdotes* (v. 4,6,8,9,12,13,16). São os responsáveis pelas práticas litúrgicas, sacrifícios, festas, administração e manutenção do templo. Administram toda a arrecadação financeira no templo e aparecem próximos e atuam como conselheiros do rei (1Rs 22,4-7). No período pós-exílio, ocuparão o controle total da vida social na província de Judá ao ser instalado um forte regime teocrático que se firma nas práticas de Neemias e Esdras (Esd 7,6; 8,24; Ne 13).

*Grito* (v. 10,20). O gesto é frequente nas orações e momentos celebrativos. Em 1Sm 4,5, os combatentes soltam um “forte brado diante da arca, a ponto de estremecer a terra”. Jeremias apela ao grito em uma forte denúncia contra as atrocidades praticadas pelos exércitos babilônicos: “soltai

ao redor dela o grito de guerra. Ela já ergueu as mãos, seus esteios caíram, suas muralhas já foram derrubadas” (Jr 50,15).

*Dar voltas* (v. 4). A expressão hebraica *sābab* indica o gesto de girar ao redor de algo. Na narrativa de Josué, apenas os guerreiros fazem a “volta ao redor da cidade”. O conceito é tremendamente bélico e visa causar pânico ao inimigo. Completamente diferente ao se referir aos acenos éticos: “avançando, agora me cercam, fixando os olhos em mim para me derrubarem” (Sl 17,11).

*O número 7* (v. 4,6,8,13,15,16). A referência numérica hebraica *sheba* traduzida por sete, surge na forma masculina, feminina e na forma ordinária (v. 16) e possui uma variedade de significados (Ex 20,10; Dt 5,14; Gn 2,2). Em nosso caso, a referência numérica indica um certo período de tempo na realização de uma tarefa. Tempo necessário para se impor diante do inimigo que, após sete voltas ao redor da cidade (vv. 4,8,13,15,16), será vencido. O termo realça um projeto com início, meio e fim:

No sétimo dia, cerquem a cidade por sete vezes, e os sacerdotes tocarão as trombetas (v. 4).

Levaram sete trombetas de chifre de carneiro, seguiam à frente da Arca de Javé, caminhando e tocando as trombetas. Os homens de guerra caminhavam diante deles, e os que vinham depois seguiam a Arca de Javé (v. 13).

Na sétima vez. E Josué disse ao povo: “Ergam o grito de guerra! Porque Javé dá a vocês esta cidade (v. 16).

Essas e tantas outras referências litúrgicas não deixam dúvidas de que tais elementos e gestos devocionais dão consistência ao discurso bélico, na tomada da grande Jericó. Um último aceno fica para o uso da expressão *kol*, traduzida por *tudo, todos, toda, todas* (v. 6,3.5.21.23.25). O termo, repetido inúmeras vezes, possibilita a compreensão de que o assalto à cidade de Jericó, liderado por Josué, deixa na região uma terra arrasada. Vale a pena perceber a intenção do redator final:

Você com todos os homens de guerra vão cercar a cidade. Cerquem a cidade uma vez (v. 3).

Todo o povo vai dar um grande grito de guerra (v. 5).

Vão à casa da mulher, a prostituta, e façam sair de lá a mulher e tudo o que ela tem, conforme o acordo que fizemos com ela (v. 22).

Há um elemento que não podemos deixar de comentar. O termo *hêrem* é traduzido por “consagrar ao anátema”, “votar ao interdito”, “consagrar ao extermínio”. O comentário torna-se compreensível, diante da ideia de violência presente na narrativa:

E julgaram condenado ao anátema tudo o que existia dentro da cidade, passando ao fio da espada homens e mulheres, jovens e velhos, bois, animais pequenos e jumentos (v.21).

Essa suposta “guerra santa” pode fazer referência a uma justa e necessária propaganda do reinado de Josias, com o objetivo de empolgar, dar um significativo ânimo ao seu exército. Segundo Dt 20,16, o anátema somente era aplicado em relação às cidades cananeias. Aqui, se faz necessário compreender a exaltação do uso da violência, como uma possível propaganda ao projeto da corte do rei Josias. Pois, se não for assim, estaríamos diante de um bom e oportuno exemplo para compreender situações de quando a fé faz mal e mata.<sup>19</sup>

A realização do pacto com Raab volta a ser mencionado e, dessa vez, é selada definitivamente, tal como tudo fora combinado, no início do relato da primeira cidade conquistada por Josué (Js 2,12-14). A insistência em inaugurar e concluir a narrativa com a imagem feminina de uma estrangeira, atuando em favor dos israelitas, pode ser resultado de um texto mais recente e se contrapõe ao exclusivismo predominante no período persa (536-333 a.C.), quando, sob as ordens da teocracia se impôs a separação, dos que regressam a Sião, de qualquer relacionamento ou contato com os povos estrangeiros (Ne 13,23-27).

E Josué deixou com vida Raab, a prostituta, bem como a casa de seu pai e tudo o que a ela pertencia, permanecendo junto a Israel até os dias de

---

<sup>19</sup> DIETRICH J. L.; DA SILVA, R. R., Em Busca da Palavra de Deus, p. 16.

hoje, porque ela escondeu os mensageiros que Josué tinha enviado para espionar Jericó (Js 6,25).

## Conclusão

É notório que em mais de cem anos de arqueologia em terras bíblicas – Egito, Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Grécia, Irã e Iraque – inúmeras informações contribuíram tremendamente para entender as mais diferentes e diversas culturas e povos que nasceram, cresceram, desenvolveram-se e desapareceram nessa região. O uso das novas tecnologias aplicadas na arqueologia tem oferecido informações, cada vez mais exatas, sobre a história do Oriente Antigo. As cidades não ficam longe uma das outras e as fronteiras não eram bem definidas, como as vemos hoje. A região é pequena, montanhosa, com poucas planícies e que nas regiões de grandes volumes de águas importantes cidades foram edificadas.

Temos a certeza de que há um longo e rico caminho a ser construído na interação entre arqueologia e textos bíblicos. Não se fala de arqueologia bíblica, como se a narrativa bíblica fosse o ponto de partida da arqueologia. As cartas de El-Amarna provam que Canaã foi um território formado por inúmeras e independentes cidades-estados que sofriam ingerências diretas dos governantes egípcios. É nessas fronteiras que surgirão os reinos de Israel e Judá, como resultados de interação de grupos de pastores e agricultores necessitados de terra para viver e se organizarem como reinos independentes. A narrativa sobre Raab, a prostituta, é apenas uma, entre tantas outras, expostas nos livros históricos – Josué, Juízes, I e II Samuel e I e II Reis – capaz de oferecer uma compreensão sobre os esforços da corte josiânica e sua fraticida reforma, em meados do ano 622 a.C.

Há um valioso testemunho literário sobre o qual temos o dever de nos debruçar no desejo de compreender a vasta movimentação de povos, das culturas, das relações comerciais e, evidentemente, das religiões. Mais de cem anos de expedições arqueológicas nos impõem um novo olhar, uma nova maneira de compreender as diversas movimentações dos povos, os surgimentos e desaparecimentos das culturas nessa parte de mundo que acostumamos chamar de Mesopotâmia. Os resultados, vindos dos mais diferentes e renomados centros de pesquisas arqueológicas, trouxeram contribuições para



melhor compreender a história do Antigo Israel, como anotamos ao abordar os textos do livro de Josué, especificamente, a liderança de Raab, prostituta, na narrativa de conquista dos territórios em Canaã.

Todas as guerras foram vencidas, sem o registro de nenhuma baixa do lado das forças abençoadas pela divindade protetora dos guerreiros liderados por Josué. O texto não deixa dúvidas de que estamos diante de uma narrativa envolvente. Toda a descrição tem como finalidade oferecer forte entusiasmo aos projetos de conquistas posto em prática no longo reinado de Josias (640-609 a.C.). Está evidente a finalidade de criar tais relatos no desejo de empolgar os residentes no reino de Judá, quando da realização da reforma voltada para reconquistar as terras perdidas diante das forças assírias que dominaram a Palestina ao longo de 105 anos – da subida ao trono do rei assírio Teglat-Falasar III, até o golpe, idealizado pelo “povo da terra” que assassinou Amon e pôs no trono seu filho Josias, com a idade de oito anos (2Rs 21,23).

### Referências bibliográficas

DA SILVA, C. M. D. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

DE MENDONÇA, E. V. S. **O primeiro estado de Israel**: redescobertas arqueológicas sobre suas origens. São Paulo: Recriar, 2020.

DIETRICH, L. J; DA SILVA, R. R. **Em busca da palavra de Deus**: uma leitura do Deuteronômio entre contradições, ambiguidades, violências e solidariedades. São Paulo: Paulus / Cebi, 2020.

DIETRICH, L. J. **Violência em nome de Deus**: Monoteísmo, diversidade e direitos humanos. São Leopoldo: CEBI, 2013.

FRIZZO, A. C. Entrevista com Israel Finkelstein. **ESPAÇOS**, v. 23, n. 1, p. 57-66, 2015.

KAEFER, J. A. **As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel**. São Paulo: Paulus, 2020.

LAMADRID, A. G. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIVERANI, M. **Antigo Oriente**: história antiga de Israel. São Paulo: Edusp, 2016.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n5p7

MAZAR, A. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000-586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003.

PEREIRA, N. C. Construção do “corpo” geopolítico e simbólico – Josué 1-12. **RIBLA**, v. 60, n. 2, p. 15-30, 2008.

RÖMER, T. **A origem de Javé: o deus de Israel e seu nome.** São Paulo: Paulus, 2016.

***Antonio Carlos Frizzo***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente de Teologia Bíblica no Instituto São Paulo de Estudos Superiores

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: [acfrizzo@uol.com.br](mailto:acfrizzo@uol.com.br)

Recebido em: 25/02/2022

Aprovado em: 31/05/2022